

Série

Lucky River Ranch #1

CASH

Um caubói
irresistível

JESSICA PETERSON

 essência

Série
Lucky River Ranch #1

GASH

Um caubói
irresistível



JESSICA PETERSON

Tradução
Laís Medeiros



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Peterson Paperbacks, LLC, 2024
Esta edição é publicada em acordo com a The Seymour Agency.
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Copyright de tradução © Laís Medeiros, 2026
Todos os direitos reservados.
Título original: *Cash*

Preparação: Barbara Parente
Revisão: Thiago Bio e Tamiris Sene
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Ilustrações de miolo: Magnific
Capa e ilustração de capa: Jenny Richardson
Adaptação de capa: Heleni Andrade

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Peterson, Jessica
Cash / Jessica Peterson ; tradução de Laís Medeiros. – São Paulo :
Planeta do Brasil, 2026.
384 p. (Série Lucky River Ranch)

ISBN 978-85-422-4357-4
Título original: Cash

1. Ficção norte-americana 2. Literatura erótica I. Título II. Medeiros,
Laís III. Série

26-2702

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo,
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Avenida Paulista, 854, 2º andar
01310-913 – Bela Vista – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em
Palatino Linotype Regular
e impresso pela Lis Gráfica
para a Editora Planeta do
Brasil em julho de 2026.



CAPÍTULO I

Mollie

VÁ SE DANAR, CAUBÓI!

SETEMBRO

ESTOU NO INTERIOR em uma cidade típica de caubóis, mas, ainda assim, enfio o pé no freio quando vejo um caubói de verdade parar seu cavalo de verdade em frente a uma taverna de verdade.

Será que voltei no tempo?

Ou essa cena toda é uma miragem? Afinal de contas, meu painel indica que está fazendo quarenta e dois graus lá fora.

A nuvem de poeira que vem me acompanhando desde Belton flutua em torno do meu SUV, atrapalhando temporariamente a visão de um estabelecimento chamado The Rattler.

A poeira se dissipa. Sim, aquilo definitivamente é um cavalo.

E há um cara usando uma calça jeans justa e um chapéu de caubói, descendo da sela com uma facilidade que me faz perder o fôlego.

As palavras da minha mãe ecoam em minha mente: *Hartsville é uma cidadezinha longe pra burro. Ou melhor, pra cavalo.* Eu não sabia que ela estava falando literalmente.

Sinto uma leve familiaridade começar a surgir ao contemplar a fachada do estabelecimento atrás do caubói e seu cavalo. Tem dois

andares, é feito de tijolos, com janelas envidraçadas tortas que cintilam sob a luz embaçada da tarde. Um toldo com listras verdes e pretas desbotadas carrega a imagem de uma cascavel branca, com uma língua bifurcada se projetando entre as presas.

Eu tinha seis anos na última vez em que estive nesta cidadezinha no meio do nada. Por que, de todos os lugares, me lembro justamente de um bar?

— Mollie? Ainda está aí?

Meu estômago se agita, o som da voz de Wheeler ao telefone me situa de novo dentro do meu Range Rover. Sem olhar, piso no acelerador imediatamente, fazendo um agradecimento silencioso aos céus por a rua principal estar deserta. Ninguém para atropelar, graças a Deus.

Bem, exceto pelo caubói e seu cavalo, que vejo rapidamente pelo meu espelho retrovisor. Estou a menos de trezentos quilômetros a sudoeste de Dallas, mas esse lugar é tão diferente que mais parece outro planeta.

Estendo a mão até o duto de ar ao lado do volante e manexo para mirar uma rajada do ar-condicionado bem no meu rosto.

— Desculpe, estou aqui. Acabei de chegar a Hartsville e... talvez eu tenha acabado de vivenciar um momento meio *Outlander*? Mas com um tema faroeste, incluindo taverna, caubói e tudo o mais.

A risada rouca da minha sócia e melhor amiga ecoa pelos alto-falantes.

— Traga o Jamie caubói para Dallas com você. Diga a ele que a vida na cidade é bem melhor.

— Nem me fale. — Dou uma espiada em volta pelo para-brisa quando meu GPS avisa que estou chegando ao meu destino. — Mãe não estava brincando quando disse que aqui não tinha nada.

— Pegue o seu dinheiro e caia fora daí logo. Me ligue quando terminar, ok? Vai dar tudo certo.

Sorriso, mesmo sentindo uma agitação no estômago mais uma vez.

— Obrigada, amiga. Estou ansiosa pelo nosso evento.

— Também. Estou tão curiosa para ver como vai ser.

Uma das boutiques mais conhecidas de Dallas vai sediar o evento da nossa empresa de botas de caubói esta semana. A clientela da loja é bem moderna e endinheirada, então esperamos fazer um bom número de vendas. Deus sabe o quanto precisamos desse faturamento.

Encerro a ligação e desacelero o carro em frente ao último imóvel à esquerda na rua principal, a partir de onde se estende um trecho completamente deserto. A poeira do chão de terra, sinalizado por árvores, cactos e arbustos esparsados em sua vastidão, tremula no calor do meio da tarde.

Há um letreiro de bronze ao lado da porta do imóvel que diz *Goody Gershwin, Advogada. Fundado em 1993.*

— *Você chegou ao seu destino* — informa meu GPS.

Estaciono em uma vaga bem ao lado de uma caminhonete vermelha igual a uma maçã do amor e enorme. Também parece ser de 1993, com as janelas abertas exibindo assentos dianteiros revestidos em um tecido cinza desbotado. Há uma caixa contendo uma coletânea dos maiores sucessos de Brooks & Dunn no assento do passageiro.

Uma coletânea de *fitas cassete*.

Talvez eu tenha mesmo voltado no tempo.

O calor me atinge como um tapa na cara no instante em que saio do meu carro, irradiando do asfalto e chamuscando minhas pernas descobertas. Ao mesmo tempo, o sol brilha forte lá em cima, fritando minha cabeça e meus ombros. Parece que estou sendo prensada em uma grelha.

Penduro minha bolsa no ombro e me pergunto por que raios alguém vai querer morar aqui. O que papai via neste lugar?

Não acredito que estou mesmo aqui. Não acredito que ele se foi.

Mais do que tudo, não acredito que perdi a chance de algum dia consertar as coisas entre nós.

Sinto o luto, combinado a uma dose considerável de raiva, pesar em meu peito como um elefante.

Acima da porta, um sino tilinta quando entro no local. Está bem mais fresco dentro do escritório, graças aos céus. O aroma familiar de café passando faz com que eu me sinta um pouquinho menos desorientada.

Um jovem com óculos redondos sorri para mim da mesa de entrada.

— Você deve ser Mollie Luck. Seja bem-vinda! Sou o Zach, assistente jurídico da Goody. — Ele dá a volta na mesa e estende a mão para mim. — Gostaria de alguma coisa? Água? Café? Espero que a viagem tenha sido tranquila.

Aperto a mão dele.

— Três horas. Não foi tão ruim assim. Prazer em conhecê-lo, Zach. E estou bem, obrigada.

Ele dá uma olhada nas minhas botas rosa-metálico.

— Nossa, são *espetaculares*.

— Ah, obrigada. Elas fazem parte da coleção mais recente da minha empresa de botas.

— Você tem uma empresa de botas? — Uma mulher de cabelos curtos e escuros, vestindo um terninho de linho de cor clara, surge de uma porta à minha esquerda. E, sem brincadeira, ela está usando uma gravata texana, preta com fivela prateada. — Que incrível!

— São fabricadas aqui mesmo no Texas.

Os cantos de seus olhos enrugam quando ela sorri para mim.

— Melhor ainda. Sou Goody Gershwin. Que prazer finalmente conhecê-la, Mollie. O seu pai falava muito sobre você, cheio de orgulho.

Meus olhos ardem e meu coração aperta. Papai tinha orgulho de mim? Ele nunca demonstrou. Muito menos me disse isso. Mas gosto de pensar que ele estaria, pelo menos, um tantinho orgulhoso de quem me tornei.

Forço um sorriso.

— Prazer em conhecê-la também.

— Lamento tanto pela sua perda. A comunidade aqui sofreu muito com a morte de Garrett, mas nem consigo imaginar o quanto tem sido difícil para vocês.

Sinto uma dor perfurante atravessar meu coração e se instalar em minha garganta. “A comunidade” deve ter sido bem mais próxima do meu pai do que eu. Se bem que somente mamãe, os pais dela,

Wheeler e eu comparecemos ao funeral dele em Dallas três meses atrás, então, vai saber.

— Obrigada.

— Bem, ficamos felizes por você ter vindo. — Goody solta minha mão. — Hoje discutiremos coisas mais simples e objetivas. Como executora testamentária do seu pai, vou te explicar tudinho sobre o patrimônio dele e a distribuição de bens, além do que ele estipulou para...

Goody ergue o olhar para o sino da porta tilintando atrás de mim. As ruguinhas nos cantos de seus olhos ficam ainda mais profundas.

— Olá, Cash! É sempre um prazer vê-lo.

Cash. Por que esse nome soa familiar?

— Boa tarde, senhora.

Há algo nessa voz profunda – talvez o som rouco e cru, ou o sotaque carregadíssimo – que me faz olhar para trás, por cima do ombro.

Meu coração dá um salto no peito diante do homem muito lindo parado logo na entrada. Parece ter vinte e tantos anos, talvez trinta e poucos. Alto – um metro e noventa, creio eu –, com o tipo de porte que se costuma ver em *quarterbacks*: ombros largos, braços musculosos, pernas compridas com coxas que ficam apertadinhas na calça jeans justa. Parece ser da marca Wrangler.

Ele segura um chapéu de caubói contra o peito, como se tivesse acabado de tirá-lo de seu emaranhado de cabelos castanhos bagunçados com cachos nas pontas. Há veias entrecruzadas no dorso de sua mão. Ele ostenta uma barba rala que é um pouco mais comprida acima do lábio superior – geralmente não acho bigodes atraentes, mas, de alguma forma, fica um tesão nesse cara – e uma camisa de botões listrada azul e branca que complementa seus olhos cor de cobalto.

Olhos que são tão azuis que parecem cintilar em seu rosto bronzeado.

Olhos que, então, encontram os meus. Minha pulsação lateja nos ouvidos. Uma batida. Duas.

A intensidade do contato visual demorado, a ousadia do ato, me dá um frio na barriga. O olhar dele oscila. Por que tenho a sensação de que ele está irritado? Talvez até mesmo zangado?

A lembrança então me vem à mente: dois garotos magricelas de olhos azuis na caçamba de uma picape. Um deles dando socos na cabeça do outro, cada golpe mais ligeiro que o anterior até uma voz gritar da cabine mandando que parassem.

Os garotos Rivers.

Apesar da óbvia predominância de lesão corporal na família deles, eu tinha tanta inveja daqueles meninos. Sendo filha única, tudo que eu queria era uma casa cheia de irmãos, e ali estavam os Rivers com filhos aos montes. Me lembro muito bem de ver a sra. Rivers no banco do passageiro, com a mão em seu barrigão de grávida.

A família deles é dona do rancho ao lado da propriedade do meu pai. Lembro de ver os meninos na loja de equipamentos agrícolas aqui da cidade e uma vez no rodeio em Lubbock. Não foi tanto a ponto de formarmos alguma amizade – a mãe deles lhes dava aulas em casa, no rancho mesmo, então eles não apareciam muito –, mas o suficiente para eu saber quem eles eram.

Incapaz de suportar o olhar de Cash por mais tempo, desvio minha atenção para suas botas. São de bico quadrado e marrom-escuras. O couro está gasto, mas são obviamente muito bem-cuidadas, lustrosas devido a uma camada recente de cera.

O leve sussurro de familiaridade que senti mais cedo retorna.

Graças ao meu trabalho, conheço botas de caubói melhor do que qualquer um. Este é um par de botas Lucchese: primorosamente fabricadas, caras e clássicas. São o tipo de botas de caubói passadas de geração para geração.

Papai usava Lucchese. Não sei como me lembro disso, mas a certeza me atinge como uma tijolada no estômago.

— Mollie, deixe-me lhe apresentar Cash Rivers. — Goody estende o braço. — Ele é o capataz da fazenda da sua família há... nossa, há quanto tempo, mesmo?

— Doze anos. — A resposta curta de Cash me faz pensar que ele está mesmo irritado. Comigo? Mas por quê?

E ele está trabalhando na nossa propriedade agora? O que aconteceu com o rancho da família dele? Estou confusa.

Se bem que isso explica por que ele teria que estar presente na leitura do testamento do papai. Como o capataz, talvez seja o responsável por me explicar a situação das terras e como funcionam?

Não que isso importe. No instante em que Lucky Ranch estiver em meu nome, colocarei à venda. Não tenho o mínimo interesse em administrar um rancho de gado em uma região montanhosa. Nunca fui o tipo de garota que gosta de ficar ao ar livre e, de toda forma, minha vida inteira está em Dallas: meus amigos, minha família. A Bellamy Brooks, a empresa de botas de caubói que abri com Wheeler, também é sediada por lá. O negócio está finalmente deslanchando, e a herança que estou prestes a receber vai, sem dúvidas, nos fazer subir de nível.

— Cash. Nossa. Eu me lembro de você. — Estendo minha mão.

Ele fica apenas olhando, sua boca formando uma linha rígida. Um instante desconfortável se passa antes de ele, sem dizer uma palavra, envolver minha mão no calor da sua. Meu pulso acelera diante da firmeza de seu aperto de mão. Da sensação de sua palma cheia de calos pressionada na minha: seca, mas, ao mesmo tempo, viva e empolgante.

Devolvo o aperto de mão com a mesma firmeza, fazendo questão de olhá-lo nos olhos outra vez.

— Quanto tempo — diz ele, finalmente.

Sinto um aroma emanar dele. Sabonete comum, misturado ao toque de algo mais *sexy*. Loção pós-barba? Seja lá o que for, tem um cheiro refrescante e herbáceo, delicioso o suficiente para fazer minha pulsação vacilar pela segunda vez.

— Bom te ver de novo — consigo dizer.

Espero Cash responder. Que tipo de nome é Cash, afinal? Seu nome verdadeiro? Um apelido?

Ele não diz nada.

— Bem, agora que estamos todos aqui, podemos começar. — Goody pega uma pasta com arquivos e uma bolsinha com zíper que Zach lhe entrega. — Venham comigo até a sala de reuniões.

Ela sai andando por um corredor. Olho rapidamente para Cash, que afasta seu chapéu meio centímetro do peito.

— Primeiro as damas.

Me pergunto se ele é um homem de poucas palavras ou se é só um babaca mesmo.

Quero tanto voltar logo para Dallas que sinto dor no estômago. Bem, meu estômago está sempre doendo, então não é nenhuma novidade.

Sigo Goody pelo corredor, com os passos pesados de Cash logo atrás de mim.

Uma hora. Duas, no máximo. E então eu terei o dinheiro de que preciso para realizar os meus sonhos.

Bem, um dos meus sonhos, pelo menos.

E talvez utilizar o dinheiro de papai para financiar a Bellamy Brooks finalmente me faça sentir menos raiva de... bem, de tudo.

Goody se senta à cabeceira da longa e polida mesa de reuniões. Sento-me à sua direita e observo Cash acomodar seu corpo gigantesco na cadeira à esquerda da advogada. Ele apoia o chapéu de cabeça para baixo sobre a mesa, com a copa para cima. Para que isso? Será um jeito de proteger o formato do chapéu ou algo assim?

Em seguida, ele passa os dedos robustos pelos cabelos, fazendo a camisa se esticar em seu peitoral musculoso.

Desvio o olhar e decido pegar minha agenda da bolsa. Não faço ideia se vou precisar dela, mas preciso ocupar minhas mãos com alguma coisa. Fiquei nervosa, de repente.

O que não faz o menor sentido. Mamãe me assegurou de que eu era a única filha e herdeira do meu pai. Conforme o que diz no acordo de divórcio deles, vou herdar todos os bens dele, já que ele nunca se casou de novo nem teve outros filhos. Dinheiro foi a única coisa que papai me deu ao longo dos anos. Toda vez que eu precisava de uma graninha, ele assinava um cheque.

Mas, toda vez que eu precisava dele, ele nunca aparecia.

O culpado do meu nervosismo é o caubói carrancudo à minha frente. Que, a propósito, está recostado em sua cadeira, com os joelhos bem afastados e os antebraços largados como se estivesse entediado.

Começo a ficar irritada. *Eu também não queria estar aqui, seu otário.*

Papai e eu não éramos próximos. Mas eu não queria que ele tivesse morrido, mesmo que eu esteja prestes a receber uma bolada de herança. Na verdade, queria muito que ele ainda estivesse aqui para que eu pudesse, sei lá, tentar uma última vez.

Talvez ligar para ele uma última vez e dizer: “Eu te amo, sinto muito, podemos recomeçar?”.

Sempre presumi que teríamos todo o tempo do mundo para reparar o nosso relacionamento. Parte de mim queria que ele soubesse o quanto fiquei magoada com sua ausência em meu dia a dia depois que ele se divorciou da minha mãe quando eu tinha seis anos, por isso acabei afastando-o totalmente enquanto crescia. Imaginei que, assim que eu alcançasse um determinado nível de sucesso, assim que eu fosse uma adulta de verdade que não guardava rancores, nos acertaríamos.

Agora, nunca mais terei essa chance, e isso acaba comigo.

Goody espalha vários papéis sobre a mesa, organizando-os em fileiras de três.

— Eu gostaria de começar dizendo que as emoções tendem a ficar à flor da pele em situações como esta. Tudo bem se precisarem de uma pausa em algum momento, ok?

Retiro a tampa de uma caneta hidrográfica roxa.

— Ok.

— Sim, senhora. — Cash endireita as costas e apoia os cotovelos na mesa.

— Vamos direto ao ponto. — Goody olha para os papéis. — Para simplificar, vamos dividir os bens de Garrett Randall Luck em duas categorias: financeiros e tangíveis. O Lucky Ranch abrange cento e quatro mil hectares de área e tem quinze mil cabeças de gado, além de vinte e duas estruturas, vários equipamentos pesados e uma operação petrolífera que produz aproximadamente mil barris por

dia. No momento da assinatura do presente testamento, o rancho empregava cinquenta pessoas...

Ouçõ o ruído leve de jeans esfregando em jeans. Olho para o outro lado da mesa e noto que Cash está balançando o joelho. Ele também está ansioso.

Por que ele *está* aqui, mesmo? Está esperando receber algo do meu pai?

— ... e então temos a categoria financeira, que consiste em dinheiro e um portfólio de investimentos. Garrett pediu que isso fosse colocado em um fundo fiduciário...

Cash ergue o rosto e nossos olhares se encontram. Finalmente consigo desvendar o que há em seus olhos.

Ressentimento. *O quê?* Por quê? Não piso nesta cidade há vinte anos. O que eu poderia ter feito a ele?

— ... tudo isso para dizer... — Goody inspira com força, e os olhos de Cash desviam para ela. — Garrett alterou este testamento pela última vez em abril deste ano. Nesta alteração, ele estipulou que o Lucky Ranch e todas as suas operações fossem deixados para sua única parente viva, Mary Elizabeth Luck, de apelido Mollie.

As mãos de Cash batem sobre a mesa de repente, fazendo eu me sobressaltar.

— Com todo o respeito, Goody, isso está incorreto. Garrett disse que o rancho ficaria para mim.

Minha cabeça gira. Sinto como se alguém agarrasse meus pulmões e os apertasse.

— Como é que é?

— Garrett me prometeu o rancho. — Cash me olha bem nos olhos. — Muitas vezes, na verdade.

Goody franze a testa.

— Infelizmente, não temos isso por escrito.

Encaro Cash.

— Você está delirando?

— Você está? — devolve ele. — Goody, Garrett disse que colocaria isso no testamento. Hartsville inteira, cada pessoa mesmo, pode

confirmar isso por mim. Patsy e John B. Os peões. Sally, Tallulah e, bem, todo mundo ouviu Garrett dizer isso. Pense bem. Eu conheço o Lucky Ranch melhor do que qualquer um. Minha família está em Hartsville há gerações...

— Ele era meu pai. — *Apesar do fato de que mal nos falamos durante a última década.* — Eu sou filha dele. O que faz você pensar que tem direito de ficar com os bens dele? Eu mal ouvi falar de você.

Os olhos azuis de Cash queimam.

— Você teria ouvido se ligasse para o seu pai ou tivesse visitado o rancho alguma vez.

Que. Filho. Da. *Putá.*

— Você não sabe nada sobre mim. — Minha voz vacila. — E claramente não sabe nada sobre a minha família. O rancho pertence a mim...

— Me deixe adivinhar: você vai vendê-lo.

— Isso não é da sua conta.

— Ah, mas é da minha conta, sim. De jeito nenhum eu vou deixar que as nossas operações sejam vendidas para algum dos seus amigos filhinhos de papai que são umas bestas quadradas quando se trata de administrar um rancho. Você não faz ideia de todo o trabalho pesado que fizemos até aqui para...

— Eu não ligo. — Cerro os dentes. — De verdade, dou a mínima para você ou seja lá qual trabalho você faça.

— Você *não* dá a mínima.

— Como é?

Seus olhos perfuram os meus.

— Essa é a expressão certa.

— Qual é o seu problema, droga?

— Por onde eu começo? — Ele se inclina para a frente.

— Muito bem, pessoal. — Goody ergue a voz. — Vamos tentar nos manter civilizados, está bem? Garrett não iria querer que vocês discutissem desse jeito. Temos que respeitar os desejos dele como foram descritos no testamento. É a lei.

— Eu vou lutar contra isso — diz Cash.

Aperto os lábios.

— Quero ver você tentar.

Goody limpa a garganta.

— Posso terminar?

Os olhos de Cash se mantêm presos aos meus.

— À vontade.

— Os bens monetários, ou seja, o dinheiro e o portfólio de investimentos, que foram guardados em um fundo fiduciário, também irão para a Mollie.

Papai fez rios de dinheiro nos anos 1990 quando descobriram petróleo em um canto mais remoto da propriedade da nossa família. Mamãe recebeu uma parte quando eles se divorciaram e usou para abrir uma corretora de imóveis em Dallas. Papai então dividiu o restante entre o rancho e o mercado de ações. Considerando que o índice Dow Jones Industrial quadruplicou desde então... é, ele tem muito dinheiro guardado.

Cash solta uma risada sombria.

— Viu só, patricinha? Você vai receber a sua grana. Deixe a gente ficar com o rancho.

Decido seguir seu exemplo e fico calada. Não vale a pena honrar esse comentário ridículo com uma resposta. Mas o que ele quis dizer com *a gente*?

— Entretanto — Goody coloca umas das mãos na mesa diante de mim —, há uma condição.

Eu finalmente quebro o contato visual com Cash e olho para a advogada do meu pai.

— Uma condição? Do tipo que diz que eu tenho que ter uma certa idade ou algo assim para poder herdar o patrimônio?

— Mais ou menos. — Ela hesita. — É uma condição... peculiar, por assim dizer. O testamento do seu pai exige que você resida no Lucky Ranch por um ano completo antes de poder acessar quaisquer dos recursos do fundo fiduciário. Também demanda que você participe ativamente das operações diárias como diretora da Lucky Ranch Enterprises. Se assim o fizer, receberá uma remuneração mensal generosa do fundo para cada mês em que residir em Hartsville.

Dou risada.

Jogo a cabeça para trás e gargalho com vontade, porque, se não fizer isso, acho que vou vomitar.

É claro que Goody está brincando. *É claro* que o meu pai, um homem tranquilo e prático, nunca exigiria que eu, a filha que ele mandou para um colégio interno e para a faculdade na cidade grande, morasse no meio do nada por um ano e administrasse um *rancho de gado*.

Mas Goody apenas me olha e pisca, impassível.

Ai, meu Deus. Ela está falando sério.

— Isso não pode estar certo. — Cash se inclina para espiar a papelada. — Não parece algo que Garrett diria.

Pelo menos nisso nós concordamos.

Goody inclina a cabeça para o lado.

— Eu estava sentada nesta mesma cadeira aqui quando Garrett disse exatamente essas palavras em abril. Nós redigimos o novo testamento naquele mês.

Pisco para afugentar as lágrimas, sentindo meu estômago revirar.

— Mas por que me fazer morar no rancho? Isso não é ilegal? Como pode ser exigido?

Goody inspira profundamente e estende as mãos para mim, com as palmas para cima.

— É o que o seu pai queria, Mollie. Sinto muito. Sei que não é o que você esperava ouvir.

— E se eu não cumprir?

Cash bufa.

— Que surpresa.

Ignorando-o, insisto:

— Eu tenho um emprego. Como disse, administro minha empresa em Dallas. E tenho um apartamento e... e a minha mãe mora lá, e eu... Meus amigos, tudo! Não posso simplesmente...

— Ir embora? — Cash ergue uma sobrancelha. — Você poderia experimentar fazer isso, tipo, agorinha mesmo.

Estreito os olhos para ele.

— Por que você não segue o seu próprio conselho? Meu pai claramente não deixou nada para você...

— Isso não é exatamente verdade — intervém Goody.

— ... então por que não dá logo o fora daqui?

Cash se vira para a advogada.

— Estou ouvindo.

— Você não pode simplesmente liberar o dinheiro do fundo, Goody? — pergunto, desesperada. — Ou ao menos uma parte dele? Só até eu conseguir que os advogados da minha mãe deem uma olhada no testamento.

Ela abre um sorriso pesaroso.

— Isso não seria certo, Mollie. Desculpe. Ou fazemos como o seu pai queria, ou não fazemos de jeito nenhum. Estou de mãos atadas.

Minha mente rodopia em um turbilhão. Pressiono a ponta dos dedos na testa e fecho os olhos, tentando não entrar em pânico. Não dá para entender esse último desejo do meu pai. Faz vinte anos que não piso naquele rancho. Por que me fazer voltar agora?

Por que me fazer a proprietária principal do Lucky Ranch?

Por que eu me importo?

Por que raios eu me importo?

Não sei por quê. Mas ainda sinto como se meu coração estivesse sendo passado em um triturador de papéis.

Goody pigarreia.

— Como a vida no rancho claramente não é uma das suas paixões, Mollie, eu sugiro que você se mude para Hartsville o quanto antes. Quanto mais cedo você começar, mais rápido poderá receber as suas remunerações mensais e mais rápido poderá voltar para a sua vida em Dallas.

— Ela não vai durar uma semana — murmura Cash.

— Você é que não vai durar mais um minuto se continuar me insultando. — Abro os olhos para encará-lo com raiva. — Não sei o que o meu pai viu em você, mas é óbvio que ele era péssimo em avaliar o caráter das pessoas. Sério, vá embora.

— Não vou a lugar algum até saber que o Lucky Ranch ficará nas mãos certas.

Goody se levanta.

— Que tal cinco minutinhos de intervalo?

Coloco a tampa de volta na caneta com força e a jogo dentro da minha bolsa junto da agenda.

— Já terminei aqui. Meus advogados entrarão em contato com você, Goody.

— A porta da rua é serventia da casa. — Ouço Cash dizer enquanto saio em um rompante da sala de reuniões.

— Espere, Mollie... Srta. Luck... — Zach se levanta de sua mesa, mas passo direto por ele e saio para o calor infeliz da tarde.

Só me permito cair no choro quando estou bem abrigada na segurança do meu carro. Pego meu celular e ligo para mamãe, mal conseguindo ouvir o toque das chamadas por causa do ruído do ar-condicionado.

— Mollie! — Sua voz familiar faz minha pulsação desenfreada se acalmar um pouco. — Como você está, querida? Como foram as coisas?

Desabo no volante, apoiando o rosto nos antebraços. Em meio a um soluço, respondo:

— Nada bem.



CASH é o primeiro livro da série *Lucky River Ranch*.

Há muito tempo não colocava os pés em Hartsville, Texas, uma cidadezinha com mil habitantes. Agora, sou uma mulher cosmopolita e nunca imaginei ter de voltar para o *país dos caubóis*. Mas preciso de dinheiro para investir na minha empresa, e uma mulher tem de fazer o que é preciso para se manter firme nos negócios.

Mesmo afastada do meu pai por anos, sou a única parente viva dele, então não foi nenhuma surpresa herdar a fazenda após ele ter falecido. O que me surpreendeu foi a condição do testamento: para receber a herança, preciso viver e administrar ativamente o lugar por um ano antes de poder ter acesso ao dinheiro e à fazenda.

Só que tem um grande obstáculo no meu plano: o nome dele é **Cash Rivers**, um caubói que trabalha lá. Por mais que fique bonito com as suas calças de couro, é muito bruto e estressado – além disso, ele me quer bem longe daqui! Eu o mandaria embora num piscar de olhos, mas preciso dele para aprender a cuidar do lugar, pois Cash é muito bom em manter as coisas em ordem. Apesar de ser um pé no saco, ele trabalha duro e tem uma mente afiada... Além disso, tudo é realmente muito maior no Texas!

E vocês sabem o que dizem sobre os caubóis: *eles podem domar cavalos, mas também partem corações.*



9 788542 243574

